

## **ATITUDES E EXPECTATIVAS DE JOVENS SOLTEIROS FRENTE À FAMÍLIA E AO CASAMENTO: DUAS DÉCADAS DE ESTUDOS**

**Alunas: Julia Dietze Monteiro e Rhamana Augusto Costa**  
**Orientador: Bernardo Jablonski**

### **Introdução**

A presente pesquisa finalizou um estudo de duas décadas (1988, 1993 e 2003) sobre as expectativas de jovens solteiros acerca de uma série de questões relativas ao casamento (tais como sexualidade, emancipação feminina, vantagens e desvantagens da vida de casado, importância do amor), além de suas próprias percepções a propósito dos possíveis valores em mudança na instituição do casamento. O nosso principal objetivo ao dar prosseguimento a este estudo longitudinal foi o de entender como os jovens se posicionam quanto a seus futuros casamentos - basicamente sobre as expectativas e visões de mundo ligadas a um modelo familiar e marital tradicionais que, ao deparar-se com novas formas de relacionamentos decorrentes da chamada “crise” do casamento na contemporaneidade, geram conflitos distintos por conta das visões de cada jovem.

### **Metodologia**

Foi realizada uma pesquisa de levantamento com 436 participantes. Os questionários foram respondidos por jovens solteiros pertencentes às classes médias da população, de ambos os sexos (200 do sexo masculino e 236 do sexo feminino), com faixa etária entre 17 e 25 anos. A amostra é intencional, não-probabilística (de conveniência). Utilizamos questionários especialmente construídos para a presente pesquisa, montados a partir dos trabalhos anteriores. O instrumento possui 30 perguntas fechadas e abertas, que foram, num momento posterior, codificadas e categorizadas.

Durante o procedimento foi solicitado aos participantes que preenchessem o questionário nas salas de aula, em suas próprias universidades – com consentimento do professor. A aplicação foi realizada em universidades públicas e privadas, da Zona Sul e Zona Norte, em horários diurnos e noturnos, em diferentes cursos. Por questões éticas, a identidade de cada sujeito é mantida sob sigilo.

### **Resultados (e comparação com estudos anteriores)**

Apesar de haver uma diminuição em relação às outras pesquisas, os respondentes ainda demonstram a intenção de se casar dentro de no máximo dez anos (82,6%), opondo-se à crença de que os jovens hoje em dia estariam ansiosos por novas opções de relacionamento que não o casamento tradicional. Quanto às expectativas futuras com relação ao próprio casamento, podemos constatar um freio no crescimento no número dos que acreditam que passarão “o resto da vida com uma só pessoa”.

Na presente amostra, 24,9% dos respondentes se disseram virgens (levando-se em conta tão-somente o contingente feminino, este percentual aumenta para 32%). Estes números contradizem a imagem difundida pela mídia de que nossa juventude adotaria um padrão liberal quanto à sua sexualidade. Aqui, como seria de se esperar, a variável idade mostrou-se a mais atuante, com as virgens, em média, sendo de 1 a 2 anos mais jovens. É possível, no entanto, que estes números venham de fato a se modificar no futuro, a reboque do clima crescente de permissividade sexual, algo que procuraremos averiguar em nossas futuras pesquisas.

Nas respostas à indagação sobre o que faz durar um casamento, os cinco itens mais valorizados foram ‘amor’, ‘respeito mútuo’, ‘companheirismo’, ‘confiança’ e ‘sexo’, tanto em 1986 como em 1993, com pequena inversão em 2003, na medida em que ‘respeito mútuo’ passou para o primeiro lugar, ao suplantando por muito pouco o ‘amor’. No presente trabalho, ‘confiança’, ‘respeito mútuo’, ‘companheirismo’, ‘amor’ e ‘diálogo’ foram os itens mais indicados. Parece-nos digno de atenção fato de que o item ‘confiança’ venha subindo e o ‘amor’ descendo, quando nossos entrevistados pensam nos fatores que, realmente, possam fazer durar um casamento.

Quanto ao item “possíveis vantagens do casamento”, os sujeitos destacaram respostas relativas a vivências de ‘intimidade e compartilhamento’, ‘ter filhos em condições ideais’, ‘construir uma família, um lar’, ‘satisfação psicológica individual’, ‘melhoria da sexualidade’ e ‘ter uma relação estável’. A única diferença entre as amostras anteriores foi neste último item, bem mais valorizado nas duas últimas pesquisas. Pode ser, como vimos acima, um reflexo da percepção do crescimento nos últimos anos da incidência de relações afetivas cada vez mais tênues (o “ficar com”, e outras modalidades de relações transitórias substituindo o menos instável “namoro”). É possível também que a maior preocupação com esta questão possa estar refletindo um anseio por relações mais duradouras e estáveis.

Em relação às desvantagens do casamento, notamos que as queixas permanecem as mesmas das sondagens anteriores: ‘perda da liberdade e da privacidade’, ‘rotina e suas consequências’, ‘aumento de compromissos e de responsabilidades’ e ‘perda da individualidade’. No entanto, os itens ‘aumento de brigas’ e ‘defeitos individuais do parceiro’ se fizeram presentes agora de forma mais intensa (terceiro e quarto lugares).

No que diz respeito à infidelidade, observamos uma distância entre o discurso e a prática. Apesar de uma forte condenação atitudinal, os números relativos à infidelidade mostraram-se significativos em todas as sondagens, com índices de traição, embora decrescentes, ainda bem expressivos – respectivamente de 26, 23, 20,6 e agora de 20%. Em todas elas, os homens suplantaram as mulheres.

Quanto ao casamento dos pais, percebemos que, tanto na penúltima sondagem quanto na atual, as mães já não são vistas como tão submissas, possível reflexo do movimento de emancipação feminina. Em nossa amostra, 76% das mães tinham alguma profissão e a exerciam, dividindo as tarefas com seus respectivos maridos.

Em relação à participação do homem nas tarefas domésticas vemos uma evolução. Pelo menos é o que atesta a comparação entre as respostas relativas ao que os pais faziam e a intenção dos atuais entrevistados, que passou de 39% neste item para 75,5% (dividir igualmente/colaborar bastante). Resta saber se essa divisão de tarefas se dará de fato ou ficará apenas no discurso dos entrevistados.

A partir de cruzamentos entre perguntas, observamos que nas amostras anteriores os sujeitos com pais separados, quando contrastados com aqueles com pais casados, mostraram-se mais inclinados a acreditar que suas futuras uniões serão mais propensas ao divórcio e se imaginam em menor número casados por toda a vida com a mesma pessoa. De forma similar, aqueles que disseram que os pais são felizes em suas uniões pensam bem menos em futuros divórcios que aqueles que disseram que seus pais não são felizes.

## **Conclusão**

A análise de repetidos resultados obtidos ao longo das pesquisas permite-nos avançar nas suposições levantadas, desde a primeira sondagem. Assim, apesar da “crise”, os jovens parecem dispostos a se casar. Embora conscientes das dificuldades envolvidas, traduzidas no grande número de divórcios, nossos entrevistados não parecem preocupados de antemão com a busca de soluções, parecendo acreditar que “com eles será diferente”.